



A insustentável leveza da liberdade: um breve olhar sobre os discursos referentes ao amor livre nas publicações anarquistas do século XX

The unsustainable the slightness of the freedom: a briefing to look at on the referring speeches to the free love in anarchic publications of century XX

Ana Claudia Ribas

Doutoranda, PPGH-UFSC
ribasanaclaudia@gmail.com

Resumo: No século XIX, desponta a ideologia anarquista cujo princípio máximo era a liberdade. Os reflexos desta preconizada liberdade geram uma amplitude inédita nos discursos ao abordarem temas que questionavam a moral sexual, que discorriam sobre os corpos masculinos e femininos, trazendo a tona questões ligadas as sexualidades: prazer sexual, dissolubilidade do casamento, aborto, vasectomia, etc. O presente artigo tem por objetivo perceber mudanças e permanências nos discursos anárquicos durante o século XX acerca do *amor livre*, os conflitos, as discordâncias, as apropriações e os diálogos com as demais vertentes do pensamento libertário.

Palavras-chave: anarquismo, sexualidades, liberdade

Abstract: In century XIX, it blunts the anarchic ideology whose maximum principle was the freedom. The consequences of this praised freedom generate an unknown amplitude in the speeches when approaching subjects that questioned the sexual moral, that discoursed on the masculine and feminine bodies, bringing up on questions the sexuality: sexual pleasure, dissolvability of the marriage, abortion, vasectomy, etc. The present article has for objective to perceive changes and continuities in the anarchical speeches during century XX concerning the free love, the conflicts, the discords, the appropriations and the dialogues with the excessively flowing ones of the libertarian thought.

Keywords: anarchism, sexuality, freedom

As flores do mal são cogumelos de néon glacê
A juventude tem um tempo certo pra se corromper
O anarquismo é o anjo da guarda de todo prazer.
“Fanzine”
Hanoi-Hanoi
Composição : Arnaldo Brandão/ Tavinho Paes

Introdução

O século XX trouxe consigo inúmeras mudanças, que acabaram incidindo diretamente no cotidiano, sendo que algumas com maior impacto nas relações de gênero. Foi um século



imbuído de uma dinâmica surpreendente, que acabou exigindo reformulações constantes, por parte das ideologias, que não passaram ilesas.

Nesta tentativa de dialogar com os novos tempos estava o anarquismo. Ideologicamente, os princípios libertários contaram com grande prestígio entre os trabalhadores brasileiros no final do século XIX e início do século XX, mas passou por reformulações na segunda metade deste último século, realizadas por intelectuais vinculados a contracultura¹. Na gama das reformulações encontravam-se os discursos acerca da sexualidade, onde a bandeira do amor livre ganhava destaque. Mesmo não aparecendo como um conceito fechado ou com definições precisas desde início do século XX, o amor livre surgia com frequência nos discursos anárquicos, como expressão de liberdade e autonomia, posicionando-se para além dos preceitos religiosos e morais, propondo uma simetria nas relações de gênero.

As alterações e novas significações dos discursos sobre amor livre ocorridas no decorrer do século XX são o foco dessa análise, na tentativa de destacar as mudanças sutis de uma crítica a disciplinarização do amor, para um diálogo com as novas configurações de relacionamentos, mantendo o foco central na liberdade, que afinal, seria o valor mais caro para a ideologia anárquica.

No ideário anarquista, o amor livre não se configura como um ponto pacífico. Não o foi nem o início do século XX, e continuou conflituoso em seu final. Haviam, paralelamente, várias interpretações do que poderia ser a vivência do amor livre². Dentro desta gama de possibilidades para análise, optou-se por elencarmos duas fontes específicas: o jornal anarquista *A Plebe* e a somaterapia, limitando assim, o campo para análise, focando nos discursos mais difundidos, relegando para uma próxima análise as especificidades desta temática. Como escolha metodológica, optamos também em mantermo-nos apenas na análise do campo discursivo.

¹ Na década de 1960, vários intelectuais perceberam estavam vinculados às propostas contraculturais a exemplo de Herbet Marcuse, E. P. Thompson, entre outros. A influência de maio de 68 para as novas gerações, o movimento hippie com as propostas de amor, no Brasil encontraram espaço nas publicações "O Inimigo do Rei" e a revista "Víbora".

² Há a clássica experiência na Colônia Cecília, de que não trataremos neste breve estudo.



Anarquismo, história e amor livre

O anarquismo³, movimento nascido na final do século XIX, é talvez, dentre as muitas filosofias políticas e os muitos idealismos que despontaram com a modernidade na civilização ocidental, um dos que mais tem sido alvo de equívocos e más interpretações. Por vezes, ser tachado de anarquista sugeria um insulto e muitos de seus militantes foram classificados como baderneiros e terroristas⁴ - representação vinculada ao fato de que alguns militantes acreditavam em uma insurreição violenta como forma de destituir a ordem vigente. Mas, por certo, não há como negar que a ideologia anarquista, que prega a abolição das leis e do governo, acabou por alimentar todo um contexto representativo de um estado de anomia social⁵ no senso comum, diferente do que era defendido por seus pensadores, que acreditavam na emergência de uma ordem de autogestão, baseada na liberdade individual, no que Mikhail Bakunin, revolucionário russo, chamou de “reino da cooperação livre” (BAKUNI, 1975).

O conceito de liberdade pode, deste modo, ser elencado como elemento chave para a compreensão da ideologia anarquista. Todas as correntes de pensamento anarquista⁶ pautaram-se, em seus discursos, na autogestão e na liberdade individual, estendendo-as para além do espaço público, alcançando todos os espaços da vida humana, inclusive nas relações de gênero⁷. É possível relacionar os discursos anarquistas, apresentados como uma proposta ideológica imbuída do objetivo de transgredir das regras morais vigentes, com a tentativa de se construir “corpos anárquicos”, cuja sexualidade não fosse gerida por preceitos religiosos,

³ Historicamente o anarquismo surge como movimento organizado durante a Associação Internacional dos trabalhadores (também chamada de Primeira Internacional), em 1864, quando passam a distinguir-se efetivamente dos marxistas. In: WALTER, Nicolas. Do Anarquismo. São Paulo: Imaginário, 2000, p. 09-10.

⁴ A vinculação entre o anarquismo e o terrorismo e a violência é perceptível na representação estereotipada mais popular referente ao militante: o anarquista com uma bomba debaixo do sobretudo, ou portando-a enquanto caminhava sorrateiramente.

⁵ Conceito desenvolvido pelo sociólogo Durkheim. In: DURKHEIM, Émile. O suicídio. São Paulo, Martin Claret, 2008.

⁶ Apesar de ser considerada - a grosso modo - como uma ideologia única, muitas são as perspectivas pelas quais o anarquismo foi desenvolvido por seus pensadores, abrindo-se em várias correntes da ideologia anárquica, como por exemplo: o anarquismo filosófico, individualismo libertário, federalismo, anarco-sindicalismo.

⁷ “Não obstante, se bem que a família possa ser uma coisa natural, não é mais necessária; uma contracepção eficaz e uma inteligente partilha das tarefas desembaraçaram a humanidade da alternativa entre o celibato e a monogamia. Um casal não é mais obrigado a ter crianças e as crianças podem ser educadas por mais ou menos pessoas do que dois pais. Pode-se viver só e contudo ter parceiros sexuais, ou viver em comunidade sem parceiros permanentes nem parentesco oficial. Sem dúvida alguma, continuar-se-á a praticar certas formas de casamento e a maioria das crianças será educada num quadro familiar, aconteça o que acontecer à sociedade; mas poderá haver uma grande variedade de acordos pessoais no interior duma só comunidade. A exigência fundamental é que as mulheres estejam libertas da opressão masculina e que as crianças estejam libertas da opressão dos pais. O exercício da autoridade não é melhor no microcosmo familiar do que no macrocosmo social.” WALTER, Nicolas. Do Anarquismo. São Paulo: Imaginário, 2000, p. 33.



mas que estivessem pautados na liberdade individual. O corpo não aparece apenas como um instrumento para que a revolução se efetive, e o Estado possa ser abolido, mas como o próprio espaço da revolução proposta.

Estes corpos que emergem nos discursos anárquicos, são dotados de sexualidades e desejos que não ficavam relegados a segundo plano, mas que destacavam-se como importantes elementos de poder⁸, pois seria a partir das transgressões morais e o rompimento com as normatizações religiosas que se poderia, enfim, cultivar a cultura da liberdade, o anarquismo na prática.

Em uma perspectiva voltada apenas para o âmbito discursivo, é possível afirmar que o anarquismo se diferenciava dos demais discursos de cunho socialista – mesmo que hajam outros pontos mais explorados pelos estudiosos -, por sua preocupação com os corpos e o exercício das sexualidades de seus militantes. Neste sentido, uma questão ganhou destaque nas publicações anarquistas durante todo o século XX: o amor livre. Tal tema se encontrava presente em jornais de forte expressão no movimento anarquista da primeira metade do século XX, como por exemplo, nas páginas do periódico *A Plebe*⁹, onde não raramente encontravam-se textos em sua defesa:

Nós entendemos amor livre o direito de amar livremente para ambos os sexos, o direito da mulher escolher livremente o eleito de seu coração, sem encontrar no caminho da suas inclinações os obstáculos da tirania paterna ou preconceitos de uma sociedade baseada na mentira religiosa, na mentira sexual e na mentira do amor. (A PLEBE 17/08/1935)

Desde o século XIX os ideários anarquistas discutiam temas relacionados à moral, casamento, sexualidade e aos corpos masculinos e femininos, temas compreendidos como parte integrante da vida humana, e lugar onde também a liberdade individual deveria ser preservada (GOLDMAN, 1998). Nesta propaganda anarquista é possível entender que “o

⁸ Adotando o conceito de poder a partir das perspectivas apontadas por Michel Foucault.

⁹ O jornal *A Plebe*, certamente pode ser citado como um dos mais conhecidos e importantes periódicos da imprensa libertária brasileira, tanto pela extensão do período de sua existência, como pela abrangência de sua circulação. Fundado em junho de 1917 em São Paulo, em plena greve geral, tinha por objetivo servir como instrumento de divulgação das notícias desse conturbado momento, mas acaba firmando-se como importante divulgador da doutrina anarquista, mantendo sua circulação até o ano de 1949, com pequenas interrupções motivadas por perseguições policiais, políticas e problemas financeiros. Fundado por Edgard Leuenroth, o jornal teve vários redatores, desde o próprio Edgard, passando por Florentino de Carvalho, Manuel Campos, Pedro Augusto Mota e Rodrigo Felipe. Conforme Rodrigo Rosa Silva, no capítulo: As idéias como delito: a imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945) (DEMINICIS; REIS FILHO, 2006, p. 113-132).



corpo não é um objeto em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura” (CSORDAS, 2008, p. 102).

Dentro de uma perspectiva foucaultiana, é possível perceber a resistência as tecnologias políticas e suas formas de vigilância sobre o corpo presentes no sistema fabril do final do século XIX e início do século XX nos discursos anárquicos desse período, sendo exemplo a defesa ao amor livre, que consistia, na verdade, em uma crítica ao modelo da norma burguesa de família. Como artifício discursivo, utilizavam a idéia de que este amor livre estaria ligado ao direito ao amor como um sentimento natural, “menos a uma proposta de variação de parceiros, do que a crítica à institucionalização dos sentimentos em formas rígidas e envelhecidas” (RAGO, 1998, p. 11). Era a maneira com que os libertários, assim como as libertárias, questionavam a disciplinarização do amor e do sexo, uma tentativa de constituição de saberes que poderiam resistir à disciplina que visava fabricar corpos submissos, “dóceis”, cuja normatização objetivava aumentar “as forças do corpo (em termos econômicos e de utilidade) e diminuir essas mesmas forças (em termo políticos de obediência)” (FOUCAULT, 1997, p. 119).

É bem verdade que o tema “amor livre” não era questão pacífica entre os anarquistas brasileiros e muitos eram os posicionamentos apresentados, nas mais diferentes concepções e entendimentos, sinalizando não apenas para uma diversidade de concepções, a partir das quais, apenas torna-se possível afirmar que havia uma intencionalidade destes discursos – sejam eles a favor ou contra a concepção de amor livre – visando à formação de sujeitos que poderiam dar forma a revolução social almejada pela doutrina anárquica.

É importante destacar que a produção destes discursos, apesar de considerados avançados para o período, tinham influências provenientes do movimento anárquico existente fora das fronteiras brasileiras, como é o caso da influência exercida por Emma Goldman¹⁰, reverberando nos discursos de algumas personalidades brasileiras, como Maria Lacerda de Moura¹¹, que em seus muitos escritos defendia veementemente o direito ao prazer sexual.

¹⁰ Nasceu em 1869, na Rússia, mas em 1886 migrou para a América, onde trabalhou como operária. Tida como uma “oradora nata” realizou inúmeras conferências em prol da emancipação feminina. Foi presa várias vezes. Participou como colaboradora em diversos jornais anarquistas, até que passou a publicar sua própria revista chamada *Mother Earth*. Morre em fevereiro de 1940.

¹¹ Outras militantes anarquistas de destaque também tiveram textos seus citados em *A Plebe*, como por exemplo: Anita Figueiredo e Sônia Oiticica, entre outras.



As propagandas anárquicas do final do século XX e os discursos sobre a sexualidade

Durante a segunda metade do século XX, mas especificamente na década de 1970, houve uma redescoberta do amor livre pelos anarquistas brasileiros. Tratava-se de um período ditatorial no qual forjavam-se críticas que reverberavam nas relações de gênero, que por sua vez, sofriam mudanças, também por influências da contra-cultura, das feministas e do movimento gay que levantavam suas bandeiras. Ampliavam-se as discussões de experiências na sexualidade. Novos diálogos estavam postos.

No empreendimento de um diálogo com os novos tempos, alguns anarquistas laçavam mão de outros referenciais, para além dos clássicos autores libertários do século XIX, dialogando agora com outros campos de saber, para além da abordagem puramente política como, por exemplo, a psicanálise de Wilhelm Reich, com o objetivo de despervertizar o sexo, transformando-o em espaço para a construção da revolução.

A mudança de foco dos discursos anarquistas em relação à sexualidade não pode ser desvinculada de seus contextos. É importante destacar que a vida sexual encontrava-se vinculada a contextos sociais e culturais, o que implicaria em afirmar que as relações entre os sexos existentes em cada cultura, em seu sistema de gênero, nas determinações de poder, dominação e igualdade são imprescindíveis para a compreensão da produção de discursos. Assim, não haveria como pensar tais configurações sem relacioná-las as condições as classes sociais envolvidas, sem considerar-se a “intervenção das famílias e da sociabilidade, o tipo de trabalho, a experiência de ser discriminado em função de seu pertencimento social e\ou étnico, ou sua orientação sexual” (BOZON, 2009, p. 160).

A produção dos discursos anárquicos do final do século XX se dá no âmbito de intelectualidade, a partir de jovens que resistiam a um regime ditatorial e que se encontravam mergulhados no espaço da contracultura.

Com esses pressupostos elencados, é possível lançar olhares sobre um projeto polêmico, mas de grande destaque no meio anarquista do final do século XX: a somaterapia. Criada por Roberto Freire¹², esta terapia corporal baseava-se nas teorias psicanalíticas do austríaco Wilhelm Reich (assim como na Gestalt terapia e na antipsiquiatria), mescladas a conceitos anarquistas. Segundo o próprio Freire, a somaterapia estaria pautada na visão

¹² Roberto Freire (São Paulo, 18 de janeiro de 1927 — São Paulo, 23 de maio de 2008) foi um médico psiquiatra e escritor brasileiro, conhecido por ser o criador de uma nova e heterodoxa técnica terapêutica denominada Soma (*somaterapia*). Foi também diretor de cinema e teatro, autor de telenovela, letrista e pesquisador.



libertárias das pesquisas de Reich no campo da sexualidade, considerando o postulado anarquista do direito a individualidade na criação de uma sociedade coletivista e justa, combatendo a massificação, e valorizando a energia sexual chamada de *orgone* (FREIRE, 1998, p. 21-22). Um importante ponto presente na Soma é sua forte referência ao princípio do amor livre. Para os defensores desta terapia, a “maneira mais fácil e rápida de destruir uma relação afetiva é torná-la exclusiva e fechada”, uma vez que a “dinâmica das relações amorosas só funciona normal e sadiamente se elas forem apenas suplementares” (BRITO; FREIRE, 1988, p. 96-97). O desbloqueio da sexualidade, até então reprimida, seria, neste contexto, o caminho para a liberdade (FREIRE, 1998, p. 23).

A somaterapia rendeu muitas publicações e inúmeras referências no meio anarquista do final do século XX, contando, também com as devidas críticas, uma vez que a temática do amor livre nunca chegou a ser consenso entre os libertários, apesar de sua abordagem freqüente.

O entendimento sobre amor livre no início do século XX difere em muito a configuração apresentada nas teorias da somaterapia no final deste mesmo século. Nas páginas amareladas dos periódicos anarquista das décadas de 1920 e 1930, o amor livre relacionava-se as possibilidades de divórcio, insurgindo contra a submissão feminina no contexto familiar, assim como, de um casamento sem a necessidade de intervenção familiar.¹³

As novas configurações do amor livre no final do século XX apresentam-no como um princípio de liberdade, em uma complementação de parceiros. Isto se deve ao fato de que as configurações sociais são outras. Mesmo que ainda em um contexto ditatorial, os temas relacionados à sexualidade já se encontravam no âmbito do debate público e político: pílula anticoncepcional, divórcio, direitos da mulher eram alguns temas que despontavam com força.

Estes novos contextos relacionados à sexualidade podem ser pensados como mola propulsora para as novas configurações dos discursos acerca do amor livre. Se tomarmos emprestados os dados da pesquisa realizada pelo professor Michel Bozon em França, apenas como um sinalizador de mudanças é possível traçar parâmetros, mesmo que não precisos, no que se refere às mudanças no comportamento sexual de homens e mulheres, para enfim contextualizar o espaço de diálogo que permitiu a ascensão dos discursos sobre amor livre

¹³ A visão de amor livre de Giovanni Rossi (com traços de poligamia), Emilie Armand, em sua obra “Camaradagem Amorosa”, até mesmo a visão do Sebastian Faure, não são abordados nesta análise.



enquanto uma possibilidade de relacionamento que seria “por excelência polimorfo e poligâmico, que independe do sexo e da faixa etária” (FREIRE, 1998, p. 95).

Na referida pesquisa, constatou-se que houve um crescimento da satisfação feminina em relação a sua vida sexual, isso devido a atitudes “mais ativas e mais hedonistas da parte delas nos relacionamentos amorosos” (BOZON, 2003), as mulheres se tornaram mais exigentes, uma vez que se tornou mais fácil interromper relações não-satisfatórias. Assim também, nas últimas décadas do século passado houve, em França, um aumento no repertório sexual dos indivíduos e dos casais, assim como, uma mudança no que se refere à fidelidade e a relacionamentos extraconjugais. Tratam-se de indícios de mudanças no comportamento sexual de homens e mulheres neste final de século XX. Contexto que mesmo não se refere diretamente ao brasileiro, mas torna possível tecer paralelos que permitam perceber como a somaterapia conseguiu empreender um diálogo com o amor livre.

Considerações Finais

Mas, mesmo diante da impossibilidade encontrar um programa anárquico único no que se refere às questões morais, haviam projetos libertários, cujo objetivo estava focado em instituir uma nova moral relativa às relações afetivas, familiares e à moral sexual (RAGO, 1986, p. 95). Adotando a perspectiva de que o corpo é o instrumento pelo qual a experiência se efetiva (CSORDAS, 2008), e que este não precisa ser entendido apenas como “objeto da cultura, mas também dotado de agência própria, não apenas como receptáculo de símbolos, mas como produtor de sentido” (MALUF, 2001, p. 88), é possível perceber a intencionalidade da inclusão das temáticas relacionadas ao corpo apresentadas nos discursos anarquistas.

Nesta breve análise buscou-se destacar a forma como o amor livre foi apropriado e reapropriado pelos discursos anarquistas durante o decorrer do século XX, e seus diálogos com os contextos sociais e culturais e seu momento histórico. No entanto, optamos por não abordar questões ligadas a homossexualidade e AIDS, que estavam presentes nos discursos anárquicos do final desse século, mas que não caberiam neste tão breve trabalho.



Referências

- BAKUNIN, M. Conceito de Liberdade. Portugal, Porto: Ed. RES, 1975.
- BOZON, Michel. "Las encuestas cuantitativas en comportamientos sexuales: emprendimientos sociales y políticos, productos culturales, instrumentos científicos", Sexualidad, salud y sociedad. Revista latinoamericana, <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad>>. N°3, 2009.
- _____. Sexualidade e conjugalidade. A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. In: Cadernos Pagu, no.20, Campinas, 2003. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000100005&lang=pt>.
- BRITO, Fausto Reynaldo Alves de & FREIRE, Roberto. Utopia e Paixão: a política do cotidiano. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- CSORDAS, Thomas. Corpo, significado, cura. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.
- DEMINICIS, Rafael Borges e REIS FILHO, Daniel Aarão. História do Anarquismo no Brasil vol. I. Niterói – RJ: Mauad X, 2006.
- DURKHEIM, Émile. O suicídio. São Paulo, Martin Claret, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. 24ª Ed., Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, Roberto. Orgasmo e Tesão, sexo e revolução. In: Revista Libertárias: Revista de Cultura Libertária, n. 03. São Paulo, set. 1998.
- GOLDMAN, Emma. O indivíduo, a sociedade e o Estado. São Paulo: Imaginário, 1998.
- MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade: abordagens antropológicas. Esboços. PPGH\UFSC, v.9, 2001.
- RAGO, Margareth. Do amor Livre. In: Revista Libertárias: Revista de Cultura Libertária, n. 03. São Paulo, set. 1998.
- _____. Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar (1890-1930). 2ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- WALTER, Nicolas. Do Anarquismo. São Paulo: Imaginário, 2000.